

MIGRAÇÃO FEMININA DO MEIO RURAL: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE CANGUÇU/RS

Female migration from the countryside: A case study in the municipality of Canguçu/RS

Migración femenina de la zona rural: Un estudio de caso en el municipio de Canguçu/RS

Silvana de Matos Bandeira
Universidade Federal de Pelotas
mmmatos@yahoo.com.br

Maria Regina Caetano Costa
Universidade Federal de Pelotas
reginna7@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho pretendeu ampliar a compreensão das causas e consequências da migração de pessoas, em especial do sexo feminino, do meio rural para a cidade de Canguçu-RS. Para tanto, utilizou-se a combinação de instrumentos de análise qualitativa e quantitativa. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com mulheres trabalhadoras urbanas, egressas do meio rural, e questionários junto a jovens rurais, buscando revelar elementos do seu contexto de vida e ambições pessoais e profissionais, no campo ou na cidade. Complementou-se o estudo com a utilização de dados do Sistema Nacional de Informações de Gênero do IBGE (2000 - 2010). Para fins de análise das intenções dos jovens, foram realizadas comparações entre os dados dos questionários, considerando as variáveis de localização nos distritos e o sexo dos jovens questionados. O estudo aponta para uma maior tendência de migração rural-urbana entre os jovens do sexo feminino, o que acentuará o processo de masculinização do campo e provavelmente afetará o dinamismo da agricultura familiar em Canguçu, em longo prazo.

Palavras-chaves: Migração feminina. Campo. Canguçu/RS.

Abstract

This study aimed to broaden the comprehension of the causes and consequences of migration of people, especially female, from the rural area to the city of Canguçu-RS. A combination of qualitative and quantitative instruments was used. Semi-structured interviews were conducted on women who work in the urban areas, graduates of the countryside and questionnaires with rural youth, seeking to reveal the elements of its way of life and personal and professional ambitions, either in the countryside or in the city. The study was complemented with the use of data from the National Gender Information System of IBGE (2000 – 2010). In order to analyze the youth intentions, comparisons were made between the data from the questionnaires, considering the variables of location in the districts and the gender of the youth questioned. The study points that there is a higher tendency of migration from the countryside to the city among the female youth, which emphasizes the process of masculinize the countryside and will probably affect the dynamism of the family farming in Canguçu in a long term.

Key-words: Female migration, countryside, Canguçu-RS.

Resumen

En este estudio se buscó ampliar la comprensión de las causas y consecuencias de la migración de las personas, especialmente las del sexo femenino, de la zona rural a la ciudad de Canguçu-RS. Por lo tanto, se

utilizó una combinación de herramientas para el análisis cualitativo y cuantitativo. Las entrevistas semiestructuradas se llevaron a cabo con las mujeres trabajadoras urbanas, que migraron de las zonas rurales, y los cuestionarios fueron aplicados en los jóvenes rurales, tratando de revelar elementos de su contexto de vida y las ambiciones personales y profesionales en el campo o en la ciudad. Se complementó el estudio con datos del Sistema de Información de Género IBGE Nacional (2000-2010). Para el análisis de las intenciones de los jóvenes, se hicieron comparaciones entre los datos de los cuestionarios, teniendo en cuenta la ubicación de las variables en los distritos y el sexo de los jóvenes encuestados. El estudio apunta a una tendencia más amplia de la migración rural-urbana entre las jóvenes mujeres, lo que aumentará el proceso de masculinización del campo y es probable que afecte la dinámica de la agricultura familiar en Canguçu en el largo plazo.

Palabras-clave: Migración femenina. Campo. Canguçu-RS.

Introdução

Canguçu é reconhecido nacionalmente como o município que possui o maior número de minifúndios do Brasil e nos últimos anos vem sofrendo um processo de masculinização e envelhecimento da população rural.

Estudos de Brumer (2008) e Abramovay (1999) mostram que o envelhecimento da população e a masculinização do campo no Brasil são indicativos de uma tendência para o êxodo rural. Considerando que a produção da agricultura familiar é fundamental para a economia do município, torna-se preocupante perceber a tendência de uma diminuição da população rural. Assim sendo, o trabalho se justifica pela preocupação da comunidade canguçuense com a manutenção do seu desenvolvimento econômico e social.

Se o jovem abandona o meio rural e vai para as cidades, não o faz com a intenção de piorar de vida, mas sim de melhorar. Compreender o que o levou a tomar tal decisão é um ponto de partida para a criação de estratégias que lhes possibilitem visualizar alternativas de transformação no próprio local onde vivem.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa tem a intenção de ser explicativa e procura fazer um estudo de caso sobre a problemática abordada. O universo da amostra são as mulheres que migraram do meio rural para a cidade de Canguçu/RS e os jovens rurais do município que potencialmente têm a intenção de migrarem. No desenvolvimento da pesquisa foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos:

- Realizamos uma revisão bibliográfica a fim de situar o trabalho no conhecimento científico construído sobre a temática, o que possibilitou interpretar e explicar os dados encontrados posteriormente. Os principais autores que embasaram o trabalho foram Abramovay (1999 e 2000), Brumer (2004 e 2008) e Carneiro (2001 e 2007).

- Coletamos dados quantitativos, dos Censos de 2000 e 2010, no Sistema Nacional de Informação de Gênero (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) sobre o município de Canguçu-RS;

- Realizamos entrevistas semiestructuradas com 15 (quinze) mulheres que são oriundas do meio rural e no momento estavam exercendo atividade remunerada na cidade de Canguçu. A seleção das entrevistadas foi feita a partir da profissão que exerciam, uma vez que se procurou selecionar amostras das principais profissões que a cidade de Canguçu oferece para o sexo feminino. As profissões selecionadas foram: servidora pública (Auxiliar Administrativa, Recepcionista, Auxiliar Pedagógica), atendente do comércio

(farmácia, supermercado, loja de informática, loja de calçado, loja de confecções, loja de acessórios) e outras (secretária, empregada doméstica, costureira, Técnica de Enfermagem);

- Aplicamos 445 (quatrocentos e quarenta e cinco) questionários nas escolas do meio rural de Canguçu, cujo público alvo foi os jovens que estão concluindo o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Posteriormente, os dados foram tabulados no software estatístico SPSS e analisados.

A migração rural-urbana no Brasil

A partir de 1950 se intensificou o fenômeno do êxodo rural no Brasil. Milhares de pessoas deixaram o campo para viver em cidades, em busca de uma melhor qualidade de vida. Em uma época em que as indústrias não necessitavam de mão de obra altamente qualificada, principalmente na construção civil, muitos dos que vieram inicialmente conseguiram melhores condições de vida do que no campo e isto encorajou outros a se aventurarem em direção às cidades. Segundo o censo de 2010 (IBGE), em torno de 84% dos brasileiros atualmente já residem na zona urbana.

Mendras (1978, p.164) diferencia emigração rural de êxodo rural. Segundo o autor, a emigração costumava ocorrer sem causar repercussões sobre a coletividade camponesa, sendo apenas um deslocamento para as cidades pré-industriais do excedente da população, cujo modo de vida continuava praticamente igual ao do campo no novo local de moradia e o nível técnico também não se modificava ao abandonar a aldeia. Após a industrialização, esta mudança do campo para a cidade tomou outro aspecto, sendo o êxodo rural o “movimento de massa que conduz os camponeses em direção às cidades industrializadas (1978, p. 166). O autor esclarece o seu ponto de vista em relação aos dois conceitos.

Por migrações de agricultores, entendemos o deslocamento de agricultores, desde seu país de origem para outras regiões, onde continuam a exercer seu ofício. Finalmente, o êxodo rural não-agrícola designa a emigração para as cidades, de rurais antes que de agricultores, para os quais a mudança de profissão não pode caracterizar-se de forma geral, já que exerciam diferentes ofícios em sua aldeia, e a mutação profissional é menos brutal para cada um deles e menos maciça para o conjunto (MENDRAS, 1978, p. 166)

O êxodo rural pode causar desequilíbrio na população do campo e comprometer a reprodução da agricultura familiar, quando um determinado segmento da população vai mais para a cidade que os demais. O autor explica que dificilmente um camponês abandonava diretamente a sua aldeia para trabalhar em uma grande fábrica se exercesse o trabalho agrícola no campo, sem uma etapa intermediária. Portanto, era comum estas pessoas já exercerem algum tipo de atividade distinta da agricultura no campo antes de irem para as cidades, como o artesanato ou manufatura, por exemplo. Nos dias atuais o fator que mais tem feito esta intermediação para o deslocamento do campo para a cidade é a educação formal. Os jovens que não tem intenção de permanecer no campo, costumam se dedicar mais aos estudos com a finalidade de conseguir inserção no mercado de trabalho urbano. O aumento da população urbana no Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo em que a população rural diminuía, foi ainda mais acentuado do que no Brasil, visto que 85,1% da população já vivem em cidades no estado.

Canguçu/RS é uma das poucas exceções que ainda mantém mais da metade da sua população vivendo no campo, embora venha gradativamente diminuindo a sua população rural (Tab. 1). Se compararmos o resultado do censo de 2000 com o de 2010, veremos que em 10 anos houve a redução de 2,58% de moradores na zona rural do município. Embora pareça uma diferença insignificante, mostra uma tendência que provavelmente aumentará nos próximos anos.

Tabela 1 – Distribuição da população do município de Canguçu (1920 - 2010)

| Ano | População Rural | (%) | População Urbana | (%) | População Absoluta |
|------|-----------------|--------------|------------------|--------------|--------------------|
| 1920 | 25.900 | 95,95 | 1.100 | 4,05 | 27.000 |
| 1940 | 47.177 | 93,29 | 2.895 | 6,71 | 50.612 |
| 1950 | 55.769 | 95,81 | 2.438 | 4,19 | 58.207 |
| 1960 | 54.281 | 94,59 | 3.257 | 5,41 | 57.538 |
| 1970 | 57.256 | 91,68 | 5.195 | 8,32 | 62.451 |
| 1980 | 46.947 | 84,09 | 8.878 | 15,91 | 55.825 |
| 1991 | 36.556 | 72,57 | 13.811 | 27,43 | 50.367 |
| 2000 | 33.752 | 65,60 | 17.695 | 34,40 | 51.447 |
| 2010 | 33.565 | 63,02 | 19.694 | 36,98 | 53.259 |

Fonte: ITEPA, IBGE.

No censo de 2010, Canguçu apresentou uma população estimada em 53.259 habitantes. Desses, 63,02% ainda vivem na zona rural, conforme podemos visualizar melhor na Tabela 1.

Wanderley (2009, p. 18) afirma que “o mundo rural não pode ser compreendido de forma isolada do conjunto da sociedade a que pertence.” Outrossim, as relações do campo-cidade são construídas no plano da complementaridade e da integração.

A questão de gênero nas unidades de produção familiar

Embora a intensidade do trabalho rural seja um dos fatores, há também outros motivos que têm levado as mulheres a migrarem mais para as cidades do que os homens. Segundo Carneiro; Castro (2007, p.37) “apesar do peso dos fatores estruturais, as decisões sobre a migração são tomadas por indivíduos, que variam na avaliação dos fatores de atração ou de expulsão”. Entre os fatores de expulsão no passado estava o fato de que o trabalho produtivo rural exigia força física e, portanto, era mais comum o homem herdar a sede da propriedade dos pais. As mulheres eram destinadas aos trabalhos domésticos, considerados mais “leves”.

No campo ainda predomina um modo de pensar no qual as diferenças físicas e psicológicas entre homens e mulheres são reforçadas culturalmente e usadas como justificativa para a desigualdade de oportunidade e poder sobre o seu próprio destino. A pouca perspectiva de uma transformação neste modo de vida rural em relação à condição feminina, associada às oportunidades oferecidas nas cidades, são um incentivo a migração das mulheres para os centros urbanos. Embora a competição no mercado de trabalho na cidade seja acirrada, há uma perspectiva de liberdade econômica e social para as mulheres, que no campo é mais difícil de alcançar.

Brumer (2004), em pesquisa de campo realizada no município de Ijuí/RS em 1988, identificou uma diferença de intensidade do trabalho feminino em relação ao tamanho da propriedade. Quanto menor a propriedade da família, mais intenso é o trabalho da esposa do agricultor, chegando a superar quantidade de

trabalho realizada pelo marido. Em propriedades de 11 a 20 hectares a intensidade de trabalho se iguala e em propriedades acima de 21 hectares as mulheres trabalham menos que os homens na propriedade, podendo se dedicar a outras atividades.

Além de fazer os serviços domésticos, estas mulheres também precisam “ajudar” os homens na lavoura. E, mesmo trabalhando mais que eles, não têm acesso ao dinheiro obtido na propriedade, que é indivisível para todo grupo familiar e geralmente administrado pelo homem. Considerando que, em Canguçu/RS, predominam os minifúndios, é evidente que estas mulheres estão submetidas a uma grande carga de trabalho. Provavelmente, ao presenciar desde crianças esta condição de sua mãe e avó, as jovens não desejam o mesmo destino.

Neste novo contexto, se formos considerar individualmente os membros da família, a mulher se sente em desvantagem por desempenhar um trabalho que é considerado apenas como uma “ajuda” e não ter poder de decisão sobre a renda obtida pelo seu trabalho, já que ele é administrado geralmente pelo homem. Assim, há uma relação de desequilíbrio entre homens e mulheres, pois eles geralmente têm mais poder de decisão na família do que os membros do sexo feminino. Em uma sociedade pós-moderna, em que as pessoas buscam a satisfação e o fortalecimento da sua própria individualidade, esse trabalho “invisível” feminino é percebido como uma “exploração”, pois além de não ter poder de decisão sobre o fruto do seu próprio trabalho, as mulheres ficam à mercê do domínio masculino, já que não teriam meios de sobrevivência por conta própria. No presente já se percebe alterações destes padrões em alguns lugares, pois as mudanças culturais e a tecnológicas possibilitaram que houvesse mais igualdade na distribuição das tarefas entre homens e mulheres, visto que o trabalho agrícola muitas vezes hoje é desempenhado por máquinas que não exigem tanta força física e qualquer membro da família pode operá-lo. Da mesma forma, o trabalho doméstico atualmente é feito com o auxílio de eletrodomésticos que tanto contribuem para liberar parte do tempo a mão de obra feminina para o trabalho produtivo como também contribui para haver uma maior participação masculina nestas tarefas. No entanto, salienta-se que nem todas as propriedades têm poder aquisitivo para inserir-se no consumo destes bens e ainda continua realizando o trabalho dividido por sexo e idade.

Assim, com a intenção que o estudo seja o “passaporte” para a inserção na cidade, as mulheres procuram estudar mais que os homens. Segundo Brumer e Anjos (2008, p.14) “as jovens filhas de agricultores, em alguns meios sociais, ao atingirem alguma escolarização, não desejam casar-se com agricultores, para evitar submeter-se às condições de vida na agricultura.” Essa opção por parte das mulheres, tem como contrapartida o celibato masculino entre agricultores. Eles têm dificuldade de encontrar em seu meio social uma companheira e as moças da cidade, além de não corresponderem aos padrões morais do meio rural, não querem viver e trabalhar no campo.

Segundo Brumer (2004, p. 16) tanto a migração de moças quanto a de rapazes

(...) são influenciadas pelas mudanças de aspirações dos jovens, proporcionadas pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e de transporte, que aproximam o meio rural e o meio urbano, trazendo informações e viabilizando o maior contato dos jovens do meio rural com o meio urbano. (BRUMER, 2004, p. 16)

Na agricultura geralmente costumam ficar aqueles que não demonstraram habilidade para os estudos, o que compromete o próprio desenvolvimento da propriedade. Como a agricultura exige um trabalho forçoso e dá em contrapartida um pequeno lucro, os filhos de agricultores que resolvem estudar, procuram seguir carreiras que permitam inseri-los no mercado de trabalho na cidade e dificilmente retornam.

Brumer (2004, p.6) explica que em alguns casos a migração campo – cidade pode ser benéfica para o meio rural, pois em propriedades muito pequenas evitaria a fragmentação e o aumento da pobreza dos agricultores. Assim sendo, estes excedentes populacionais dos minifúndios poderiam encontrar melhores condições de vida nas cidades. No entanto, quando quem migra são os jovens com mais qualificação profissional ou quando há predomínio de apenas um sexo na migração, causa um desequilíbrio nesta sociedade e uma provável decadência.

Mulheres canguçuenses que já migraram para a cidade local: apresentação dos resultados

Ao analisarmos o Gráf. 1, notamos que já há um processo de masculinização no campo em andamento em Canguçu, visto que há um excedente de 1.549 homens na zona rural em relação ao número de mulheres.

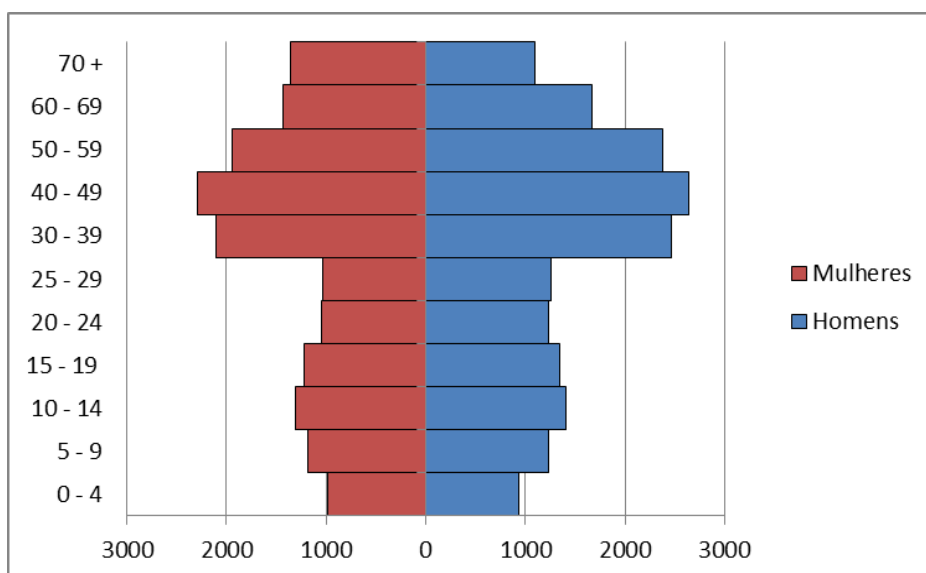


Gráfico 1 – Pirâmide etária da população rural em Canguçu – 2010

Fonte: IBGE, Censo 2010.

Para compreender este contexto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com quinze mulheres oriundas do campo que atualmente exercem atividade remunerada na cidade de Canguçu, sendo possível diagnosticar o seu perfil, as motivações que as levaram ao êxodo rural e o nível de satisfação com a escolha adotada. A faixa etária predominante das entrevistadas foi de 21 a 30 anos (60%).

Do grupo de mulheres entrevistadas, 66,6% são casadas e as demais solteiras. Das solteiras, nenhuma possui filhos. Entre as casadas, quatro possui um filho e uma tem dois filhos. Três das que possuíam apenas um filho, comentaram que gostariam de ter um segundo filho, mas acham difícil conciliar com o trabalho em turno integral. A entrevistada que possui dois filhos é a única que trabalha em turno parcial (Hospital de Caridade de Canguçu).

Duas das que possuem filhos comentaram que a vantagem ou vontade de trabalhar fora reduziu após o nascimento dos filhos, pois necessitaram contratar uma babá para cuidá-los, despesa essa que diminui em

cerca de 50% o seu salário líquido. A entrevistada M.J.B.P. (29 anos, Técnica em Enfermagem) contou que, em determinada época da sua vida, ao ter de pagar babá, combustível para ir ao trabalho distante de casa e mensalidade da faculdade, sobrava apenas R\$ 40,00 do seu salário. A fim de não ter a sua renda reduzida, duas entrevistadas contam com os cuidados gratuitos da avó materna da criança e uma deixa os filhos com o marido, pois este possui horário de trabalho flexível. Diante dessa dificuldade de conciliar família e trabalho, é compreensível que 60% dessas mulheres ainda não tenham filhos.

Diferentemente do modo de vida no campo, em que os filhos eram considerados uma ajuda para a família, por requerer pouco investimento e contribuir no trabalho da propriedade, na cidade são mais uma fonte de despesa e limitam a liberdade feminina. Por esta razão, as mulheres têm adiado ou desistido da maternidade, deixando de vê-la como uma prioridade, uma vez que o papel que desempenham na família não é mais a única forma de construção da sua identidade frente à sociedade.

Embora a quantidade de entrevistadas que possuam Ensino Superior seja elevado (Gráf. 2), nenhuma delas, atualmente, trabalha na área em que se formou.

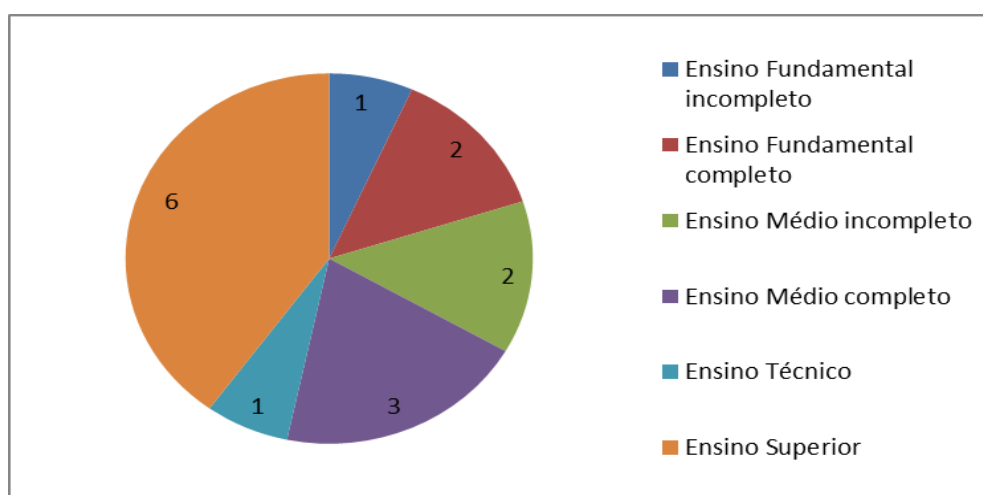


Gráfico 2 – Quantidade de entrevistadas por nível de escolaridade

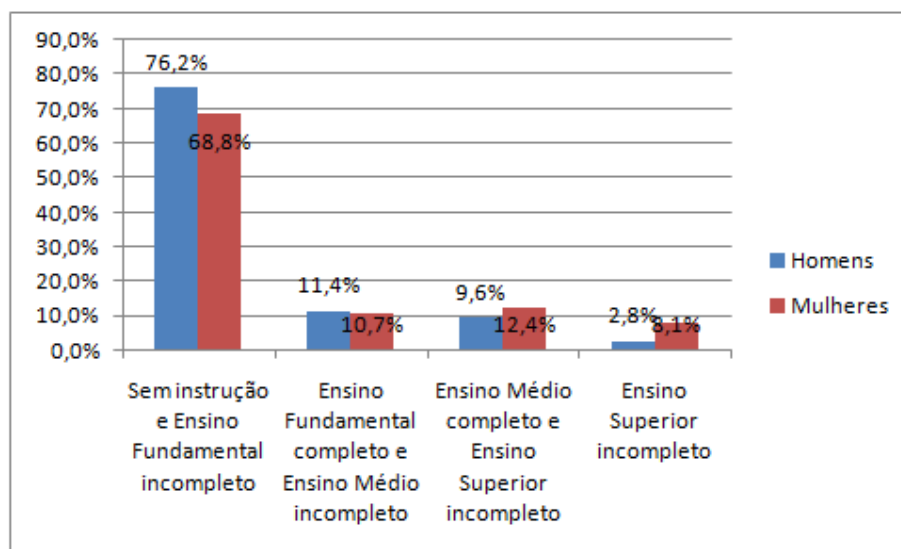
Fonte: Entrevistas realizadas entre jan. e fev. 2015.

Uma das entrevistadas que tem a formação de Tecnóloga em Gestão Ambiental, diz que futuramente pretende fazer uma Licenciatura, pois acredita que assim terá mais possibilidade de conseguir um trabalho melhor em Canguçu. No entanto, outra entrevistada que já possui graduação em Licenciatura em História também não encontrou trabalho na área e está cursando uma segunda faculdade (Licenciatura em Pedagogia - UFPel), com a finalidade de ampliar as possibilidades de concursos públicos.

Estas situações refletem a realidade do mercado de trabalho em Canguçu, cujas vagas são limitadas em quantidade e possibilidades de crescimento salarial. Muitos procuram estudar mais na expectativa de conseguir um trabalho melhor, mas ao não vencerem a competição dos concursos públicos municipais, precisam buscar oportunidades de trabalho em cidades maiores ou se conformar, na sua própria cidade, com um emprego que não condiz com a sua formação.

No entanto, segundo os dados do IBGE, apresentados no Gráf. 3, aumentam as chances das mulheres conseguirem trabalho em Canguçu, em detrimento dos homens, caso estudem mais. Enquanto com Ensino Superior incompleto¹, havia apenas 2,8% de homens ocupados, 8,1% das mulheres estavam ocupadas.

Gráfico 3 – Percentual de homens e mulheres ocupadas conforme o grau de escolaridade em Canguçu - 2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Das entrevistadas, 80% afirmaram que já estudavam no meio rural com a intenção de posteriormente conseguir um trabalho na cidade. M.I.S. (35 anos, recepcionista pela Prefeitura Municipal de Canguçu) falou sobre o que a atraía em relação à cidade quando veio estudar. “Era justo o fato de não gostar do interior. A cidade era mais um escape. (...) Não sabia o que me aguardava na cidade. Só sabia que queria estudar, queria ser alguém na vida.”

As 20% que não estudavam com esta intenção, vieram devido ao casamento, uma vez que o marido era da cidade ou tomou a iniciativa de vir. Do total de mulheres entrevistadas, dez garantem que, embora não estejam estudando no momento, têm a intenção de retomar os estudos assim que o contexto estiver mais favorável, pois consideram como um caminho para conseguir futuramente um trabalho que remunere melhor.

O motivo que a maioria mencionou para ter parado os estudos foi a dificuldade de conciliar família (filhos pequenos e/ou pais idosos), trabalho (turno integral) e estudos. Além disso, afirmam que atualmente trabalhar para elas já não é uma opção, mas uma necessidade. E, diante das circunstâncias atuais, não poderiam deixar de trabalhar para apenas estudar, visto que a família já conta com a sua remuneração, pois o custo de vida está cada vez mais alto.

Se formos comparar os dados do censo do IBGE do ano de 2000 com o ano de 2010, percebemos que houve um significativo aumento na média do percentual de contribuição do rendimento das mulheres no rendimento familiar no município. Enquanto em 2000 a contribuição feminina era de 30,3%, em 2010 já era de 45,8%, isto é, atualmente elas contribuem com quase metade do rendimento familiar. Embora já tenham

¹ Embora os dados levem a pensar que a última categoria seja “Ensino Superior Completo”, no site do IBGE realmente consta “Ensino Superior Incompleto”.

uma grande contribuição no rendimento familiar, os homens continuam sendo a grande maioria dos responsáveis pelos domicílios permanentes urbanos em 2010, possivelmente por se tratar de uma cidade pequena com o patriarcalismo ainda predominando em sua cultura.

No Gráf. 4 verificamos que as mulheres têm mais tendência em frequentar os estudos, enquanto os homens tendem a cumprir apenas a escolaridade obrigatória por lei.

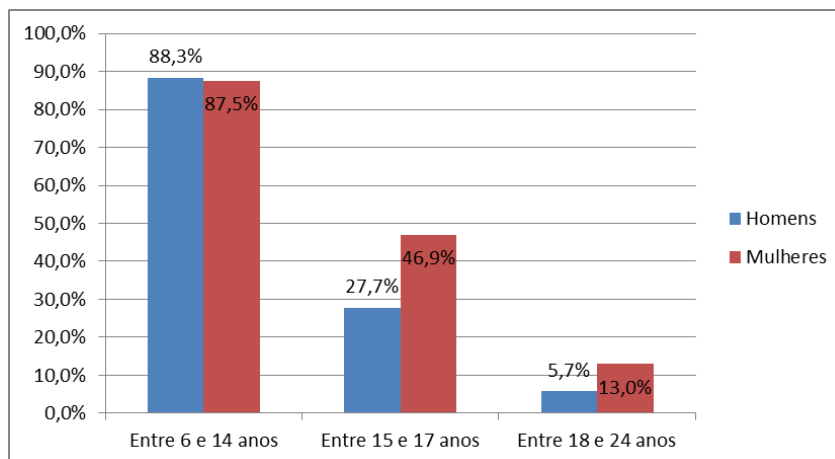


Gráfico 4 – Taxa de frequência escolar líquida por faixa etária e sexo no município de Canguçu/RS
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Em média as entrevistadas trabalham na cidade de Canguçu há 5,5 anos. Embora a renda dessas mulheres seja entre um e dois salários mínimos, todas demonstraram estar muito satisfeitas com a decisão que tomaram de vir para a cidade. Nenhuma das entrevistadas ganha mais que dois salários e uma das entrevistadas, que trabalha como empregada doméstica, ganha meio salário. Entre as entrevistadas que são solteiras, três não realizam nenhum trabalho além do mencionado, duas fazem as tarefas domésticas em casa, sendo que uma destas últimas também é distribuidora Natura para aumentar a renda. Já as dez que são casadas, todas mencionaram ter dupla jornada de trabalho, pois ao chegar em casa ainda necessitam fazer a maioria das tarefas domésticas. Apenas uma conta com o auxílio de uma empregada para auxiliá-la nessas tarefas e somente uma comentou que o marido divide igualmente as tarefas domésticas. Na realidade da maioria das entrevistadas, ainda é comum os maridos terem pouca ou nenhuma participação no trabalho invisível doméstico.

Quando questionadas sobre as vantagens e desvantagens do seu trabalho atual, a vantagem mais mencionada é a pouca carga horária, uma vez que a maioria das entrevistas que citaram esta vantagem não trabalham no comércio cuja carga horária geralmente é extensa. Outra vantagem bastante mencionada foi o fato de terem adquirido experiência com o trabalho atual, o que pode lhes auxiliar a conseguir um trabalho melhor futuramente. Já a desvantagem mais mencionada foi a grande carga horária a que ficam submetidas as que trabalham no comércio, seguida do fato de ter de trabalhar no sábado. A maioria das entrevistadas mencionou mais vantagens do que desvantagens no seu trabalho.

D.P.B.M. (27 anos, operadora de caixa em uma loja de confecções) reclama sobre a extensa carga horária do serviço.

A desvantagem que eu vejo é a função do horário. Toma muito tempo. Eu comecei academia, mas aí não dava, pois eu chegava em casa e tinha tudo para fazer. (...) O que eu me queixo mais é do horário. Às vezes quando inventam de abrir sábado (a loja). Só o horário, mas é o horário do comércio, não adianta (D.P.B.M.).

Quando questionadas sobre a sua ocupação no campo antes de vir para a cidade, 80% do total afirmaram que estudavam, sendo que 40% apenas estudavam, 53,3% auxiliavam a família no trabalho da lavoura e do cuidado com os animais e 26,6% exerciam também outros tipos de ocupações como costureira, faxineira, auxílio na ferraria, venda de roupas e joias.

A idade média em que as entrevistadas se decidiram a vir para a cidade e começaram a agir para atingir este objetivo foi aos 16,5 anos. Duas razões foram fundamentais para as entrevistadas tomarem esta decisão: a vontade de continuar os estudos ou o casamento. Enquanto 60% vieram para a cidade com a intenção de continuar estudando, já que no campo já havia se esgotado as possibilidades de estudo, 26,6% vieram porque casaram com alguém da cidade ou o marido tomou a iniciativa de virem. Todavia, 13,3% vieram apenas com a finalidade de conseguir um trabalho remunerado, isto é, sem a intenção de continuar os estudos.

Todas as entrevistadas, quando questionadas se era mais vantajoso trabalhar no emprego atual ou como agricultora, afirmaram que acham mais vantajoso o trabalho atual pelos seguintes motivos:

- A agricultura não é valorizada economicamente pelo governo;
- Não gostam de agricultura;
- Na agricultura o lucro é incerto;
- Não gostam de viver no campo;
- A agricultura desgasta o físico;
- O ambiente de trabalho é pior na agricultura (sol, veneno, chuva, etc.);
- A agricultura depende de condições climáticas;
- Na agricultura o trabalhador está sempre sujo.

M.J.B.P. (29 anos, técnica em enfermagem) disse que o fato do agricultor ter a flexibilidade de poder fazer o seu horário é uma “armadilha”, pois acaba trabalhando até enquanto as suas forças aguentam, ultrapassando o que trabalham os empregados na cidade. “Quando a gente é empregado tem aquele horário para cumprir e na lavoura a gente trabalha da manhã até a noite.” A entrevistada S.E.P.S. (30 anos, secretária de uma clínica médica) também falou que, muitas vezes, ter flexibilidade de horário é negativo para o trabalhador do campo, pois ele não tem limites para o seu esforço.

A.B.N.H. (24 anos, repositora de estoque em um mercado) falou sobre a vantagem do seu serviço em relação ao que exercia no campo:

Porque lá fora, ainda mais o fumo... quando dá uma safra boa, aí tudo bem. Mas quando tem anos que não dá uma safra boa. Aqui na cidade, lá no meu serviço, eu sei que todo mês eu vou ter o meu salário e lá fora já não é. É só época de fumo e depois não tem. (...) Eu me lembro que a gente levantava às 6h30min da manhã pra estar às

7h na lavoura para não pegar aquele calorão do sol quente mesmo. A gente tinha que levantar cedo de manhã e às vezes ainda estava molhado na lavoura. (...). (A.B.N.H.)

Embora as respostas tenham se repetido muito na questão acima, o que foi mais mencionado é que na agricultura o retorno financeiro é incerto. O agricultor recebe somente no período da safra e corre o risco de não receber nada, caso as condições climáticas não tenham sido favoráveis ou não consiga vender o seu produto em tempo hábil, uma vez que os produtos agrícolas são perecíveis. A entrevistada M. I. S. (35 anos, recepcionista pela Prefeitura Municipal de Canguçu) comenta que é mais vantajoso trabalhar no serviço atual do que como agricultora, por ser mais certa remuneração.

Com certeza! Para ti estar na agricultura, tem que gostar. A agricultura é um serviço pesado, tem que trabalhar de sol a sol, não tem feriado, não tem domingo, faça chuva ou faça sol... e outra que a agricultura vamos suportar... tu planta a soja, por exemplo, e aí tu está contando com aquela safra e aí vem temporal, vem pedra, granizo e destrói aquilo ali. E as dívidas aumentam, porque aquilo que tu esperava colher, tu não colhe. É muito arriscado a agricultura. É uma coisa que nunca me agradou. (M. I. S.)

N.R.O.F. (22 anos, atendente de farmácia) explica porque considera mais vantajoso ter saído da propriedade de 5 ha, na qual vivia com a sua família.

Aqui todo mês tu sabe que no final do mês tu vai receber. Lá tu planta, mas se tu colhe vale pouco e quando a colheita é ruim vale bastante e aí tu não colheu. (...) A agricultura está boa é para o grande agricultor, para o pequeno está difícil. É para quem tem maquinário, seu próprio maquinário, que pode investir. Agora para o pequeno que trabalhava tração animal fica bem complicado, que era o caso do meu pai. (N.R.O.F.)

Devido ao fato de haver poucos empregos em Canguçu, comparado a procura, 80% das entrevistadas nunca reivindicou melhores condições de trabalho, embora desejassem ter uma carga horária menor e ser melhor remuneradas. Das 20% que reivindicaram, duas foi em relação ao fato de ter de trabalhar no final de semana, mas não foram atendidas em seu pedido. Já a terceira, que trabalha como empregada doméstica, reclamou que o serviço e a carga horária era muita para o salário que ganhava. Como sua patroa não tinha condições de lhe pagar um salário melhor, diminuiu a carga horária e a quantidade de trabalho.

Todas parecem muito “gratas” pelo trabalho que tem, visto que o patrão lhes deu a oportunidade de ter um trabalho, enquanto muitas jovens na cidade querem e não conseguem. Assim, são mão de obra dócil para o capital. A maioria das que nunca reivindicou argumenta que a realidade de Canguçu é esta e que não adiantaria reclamar. Nenhuma tomou a iniciativa de procurar unir-se a outras mulheres e/ou trabalhadores em situação semelhante para reivindicar em grupo melhores condições de trabalho, devido ao fato de terem medo de perder o emprego para outra pessoa que esteja disposta a se submeter às condições de trabalho. T.P.S. (20 anos, vendedora de uma loja de calçados) justificou a razão por nunca ter reivindicado melhores condições de trabalho. “Não, nunca falei, mas claro que eu queria ganhar mais. (...) Porque se eu não estiver contente, eles vão achar outra que esteja contente.”

Em Canguçu, a remuneração média das mulheres também é abaixo da remuneração dos homens. Segundo o Censo 2010 (IBGE), a razão entre o rendimento médio das mulheres ocupadas em relação ao rendimento dos homens ocupados no município de Canguçu é de 82,0%. No Gráf. 5, ao analisarmos o rendimento médio de todos os tipos de trabalhos realizados por pessoas acima de 16 anos no município de Canguçu em 2010, verificamos que realmente os homens são melhor remunerados que as mulheres. Portanto, a migração para a cidade, por si só, não garantiu que elas tivessem maior igualdade de gênero.

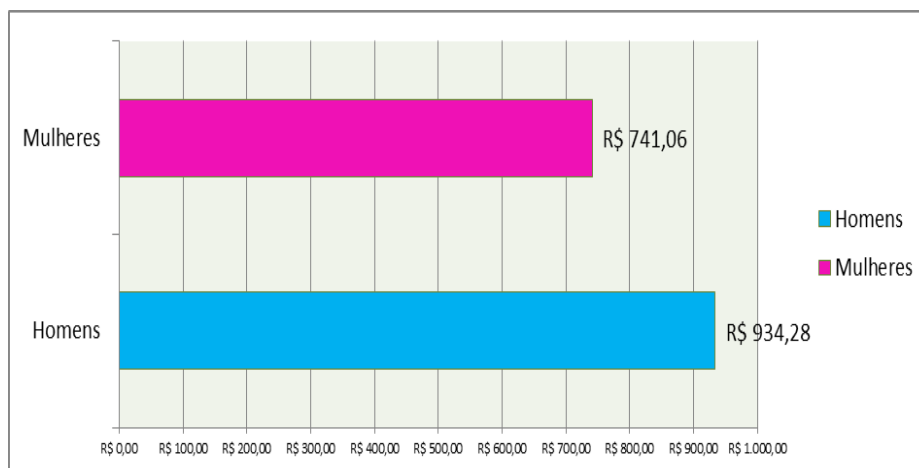


Gráfico 5 – Rendimento médio de todos os trabalhos das pessoas de 16 anos ou mais no município de Canguçu – 2010

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Mesmo continuando a sofrer desigualdade de gênero na cidade, as entrevistadas se mostram satisfeitas com a decisão que tomaram. A entrevistada S.M.B.S. (costureira, 43 anos) revelou que mudou a sua opinião sobre o campo após sair de lá. “Quando eu morava lá, eu me dava bem, entendeu? E agora eu já acho difícil. Acho muito longe de tudo. Tu quer comprar uma coisa, tu tem que...esperar quinze dias até vir em Canguçu... um mês.” A.B.N.H. (24 anos, repositora de estoques em um mercado) conta que não queria morar na cidade, mas agora que experimentou, não pretende mais retornar ao campo e se sente culpada por ela estar em um serviço agradável e a família sofrendo na lavoura.

Eu dizia “eu nunca quero morar na cidade”. Sempre que dá eu vou para fora. Eu gosto de ir para fora, mas acho que se for para morar de novo, eu acho que não vou morar para fora de novo. Eu prefiro morar na cidade agora. (...) às vezes eu estou lá no meu serviço... lá dentro é fresquinho. Aí eu fico pensando assim “lá fora, a minha mãe naquele calorão, tem que estar no meio do fumo”. Às vezes eu fico pensando e fico com pena deles assim. A gente está no bem bom aqui e eles sofrendo lá fora no calor. (A.B.N.H.)

Porém, 60% disseram que se houvesse a possibilidade de viver no campo e trabalhar diariamente na cidade, prefeririam viver lá. No entanto, em se tratando da antiga propriedade da sua família consideram essa opção inviável, pois é muito longe da sede. A condição necessária para que aceitassem, seria caso fosse bem próximo da cidade e diminuísse os custos com a moradia. F.F.M. (32 anos, empregada doméstica) comenta que até gostaria de viver em um sítio próximo da cidade, mas não na antiga propriedade da sua família, pois a maioria dos vizinhos veio para Canguçu e ficou quase deserto. “Um sitiozinho aqui perto da cidade eu

gostaria, mas não lá. Eu gosto de ter os meus bichinhos, meus gatinhos, podia ter uma horta... Lá não, lá o terreno é muito acidentado e está muito mato. Lá eu acho triste. Está muito deserto.”

Todas entrevistadas garantem que a iniciativa de irem para a cidade não partiu de seus pais. Elas tomaram a iniciativa e comunicaram à família, que teve diferentes reações em cada caso. Quatro entrevistadas afirmam que os pais foram neutros, embora as apoiasse financeiramente para que atingissem o seu objetivo. Quatro afirmaram que a mãe apoiou com mais ênfase, enquanto o pai preferiu não dar opinião. Duas contaram que o pai foi seu grande incentivador e a mãe, por sua vez não demonstrou entusiasmo. Quatro disseram que foram bastante incentivadas por ambos ao comunicar a decisão e uma entrevistada contou que sofreu resistência de toda a família.

O tamanho da propriedade parece influenciar no apoio ou não dos pais em irem para a cidade. N.R.O.F. (22 anos, atendente de farmácia), que é filha única e, portanto, a única herdeira da propriedade de 5 ha da família, conta que houve bastante incentivo da família para que viesse.

Tive incentivo dos dois (pai e mãe). Graças a Deus! Porque eles sabiam que lá a vida não é fácil e aqui pelo menos eu ia ter oportunidades, ter mais oportunidades pra estudar, pra ter experiência profissionalmente, pra aprender a me virar. (...) Eu tive iniciativa, por minha conta própria e eles me apoiaram na minha decisão. E até hoje eles me apoiam muito. (N.R.O.F.)

Já J.L.P. (24 anos, atendente da loja de informática do marido), que é filha única e a herdeira da propriedade de 163 ha da sua família, contou que a sua família foi resistente sobre a vinda dela com o marido.

Eles achavam que se tu tiver alguma coisinha lá fora tem que te apegar lá e viver lá. A verdade é essa. São muito do tempo antigo. (...) Principalmente o pai só o que sabe dizer é que a gente tem lá, mas ele não entende muito que hoje em dia é muito difícil a vida lá. Antigamente com uns poucos troquinhos viviam. Hoje em dia não vive mais. Tudo que tu precisa comprar, tu precisa de muito dinheiro, senão tu não sai do lugar. (J.L.P.)

Contrariamente, para os filhos a estrutura fundiária da família parece ser um fator que pouco interfere na decisão de ir para a cidade, pois pretendiam ir de qualquer forma. J.M.I (21 anos, fiscal de caixa de um supermercado), cujo pai era empregado (auxiliar júnior) de uma fazenda de aproximadamente 200 ha dedicada a plantação de pinos e eucalipto, quando questionada se caso a fazenda fosse da família, isso a teria motivado a permanecer no campo, afirmou “Eu ia ir igual porque eu queria ter o meu emprego.” Determinada, ela garante “Assim que eu completasse 18 anos eu queria ir para a cidade. (...) Para buscar uma vida melhor, seguir meus sonhos.” A mesma entrevistada explicou que casar aos 18 anos ajudou no fato de ir para a Canguçu, pois seu pai não deixaria ir morar sozinha na cidade para estudar.

Todas as entrevistadas afirmaram que tem diversas amigas da sua idade que também tomaram a decisão de ir para a cidade. A maioria foi para Canguçu, mas algumas foram para centros maiores. As entrevistadas foram unânimes em afirmar que suas amigas atualmente estão melhores na cidade do que se tivessem continuado no campo. T.P.S. (20, vendedora de uma loja de calçados) acha que as amigas que vieram para a cidade têm mais perspectiva na cidade do que no campo. “É que lá fora elas eram sustentadas pelos pais e

aqui não. Aqui elas trabalham e se sustentam. Lá fora tudo que elas precisassem, elas iam ter que depender dos outros. E aqui elas estão trabalhando, estão estudando, estão pensando no futuro delas.”

Quanto aos seus próprios projetos de vida, 53,3% das entrevistadas garantem estar satisfeitas em viver em uma cidade pequena e não tem intenção de mudar-se para uma cidade maior. Entretanto, 26,6% não descartam a possibilidade de ir, caso surja uma boa oportunidade de trabalho ou o marido insista em buscar melhores condições de trabalho, enquanto 20% afirmaram que tem a intenção de tomar a iniciativa de futuramente ir para uma cidade maior.

S.M.B.S. (43 anos, costureira) comenta sobre a dificuldade de encontrar um serviço em Canguçu que valha a pena financeiramente, sendo que seu marido optou por trabalhar no pólo Naval de Rio Grande e vir esporadicamente em casa. “Esses servicinhos de ganhar um salário têm, mas um homem novo não quer se ater a ganhar um salário, quer ganhar mais.” Na opinião dela em Canguçu não há perspectiva de ganhar um bom salário. “É para manter, para não viver dependendo (...), mas futuro não tem. Mas isso é a grande maioria aqui em Canguçu. Dizer que a gente vai conseguir alguma coisa com esses dinheirinhos..., não.” A entrevistada T.P.S. (20 anos, vendedora de uma loja de calçados) comentou que seu marido tem muita vontade de ir futuramente para uma cidade maior onde tivesse oportunidade de ter um emprego melhor. Ela diz que o marido reclama que não vê perspectiva de crescimento profissional em Canguçu.

F.F.M. (32 anos, empregada doméstica) afirma que Canguçu “É uma cidade boa para morar, mas não para trabalhar”, devido ao fato de não haver perspectiva de bons salários. Sobre viver em uma cidade maior, ela disse que preferia viver em “uma cidade que oferece mais opções. Canguçu te oferece só de trabalhar... não tem expectativa de crescimento em Canguçu... A única coisa de emprego é... ou tu é funcionário público ou é comércio. Trabalha na prefeitura ou trabalha no comércio.”

A.P.G. (31 anos, Auxiliar Administrativa pela Prefeitura Municipal de Canguçu) comentou sobre a submissão econômica da mulher ao homem, que predomina no campo. Todavia, a entrevistada também reconheceu que a cidade oferece outras formas de submissão disfarçadas, que as mulheres aceitam sem percebê-las como tal.

Elas ficam (no campo) esperando pelo marido para garantir a sua sobrevivência e quando o casamento não dá certo, voltam para a casa do pai. Embora na cidade haja mais perspectiva de independência, também a mulher está sujeita a submissão masculina em outro sentido, seja através da prostituição ou até mesmo pelo desrespeito dos homens, pois a mídia construiu uma imagem vulgar da mulher que a faz ser tratada como objeto e eles acreditam hoje que todas são iguais a ideia feminina passada pela mídia. (A.P.G.)

A.B.N.H. (24 anos, repositora de estoques em um mercado) falou sobre a condição feminina no campo. “É mais difícil para as mulheres lá fora, é mais difícil do que para os homens. (...) Para as mulheres é mais difícil na lavoura, porque ela tem que ficar na frente de tudo, em casa, na lavoura.” Ela comentou que hoje os homens já estão começando a ajudar no serviço doméstico também no campo, mas antes havia um preconceito de que “homem não é para cozinha”.

M.J.B.P. (29 anos, técnica em enfermagem) contou como era a rotina da plantação de fumo na propriedade da sua família, em que todos os membros do grupo familiar necessitavam ir para a lavoura.

Quando era o pai e a mãe, a gente trabalhava mesmo com boi, com arado, com coisas assim. Então... eu vivi esta época de trabalhar na lavoura. Eu achava um sacrifício. (...) A mãe era a primeira e era a última. O pai... Esta é a diferença para o homem... que o homem chega em casa, toma banho e se senta. E a mulher tem o pão para fazer, tem a comida para fazer. (M.J.B.P.)

A seguir M.J.B.P. comparou a diferença que é hoje com o marido, pois ele mora na cidade, planta sozinho 140 ha de soja com maquinário no campo e ainda a ajuda nas tarefas domésticas. Já com a família do pai eram poucas terras e necessitava do trabalho constante de toda a família. Ao que tudo indica, a tecnologia ao mesmo tempo em que libera as mulheres para o trabalho fora de casa, também libera os homens para auxiliar nos trabalhos domésticos, pois torna o trabalho destes menos exaustivo.

D.P.B.M. (27 anos, operadora de caixa em uma loja de confecções) explica que no campo as mulheres não dispõem de um salário fixo para comprar o que deseja. “Lá fora tu tem vontade de comprar um sofá, por exemplo, só que tu não tem uma renda fixa para fazer as prestações. Pelo menos tu trabalhando, tu tem. As mulheres lá fora são dependentes do marido, eternas dependentes.”

A entrevistada M.J.B.P. (29 anos, técnica em enfermagem) também concorda com a entrevistada anterior, que a agricultura oferece menos perspectiva de independência para as mulheres do que os empregos da cidade.

Quando tu trabalha na agricultura a renda é para todos e aquela coisa só por safra, não é mensal que tu vê o teu dinheiro ali. Tu trabalhou e viu o teu dinheiro. E uma que... Eu acho assim o serviço da agricultura, que... as mulheres mesmo, trabalham na lavoura e trabalham em casa. Por isso que eu acho que é um trabalho escravo. (M.J.B.P.)

Assim, aos poucos o modo de vida urbano se propaga para a cidade e a percepção de indivíduo supera a de grupo familiar. A renda da propriedade é percebida pelas mulheres como o “dinheiro do marido” e não como o fruto do trabalho de toda a família.

Das quinze entrevistadas, nove afirmaram que não há previsão de haver um sucessor da família na propriedade. Tanto os casos em que a família não era proprietária e as propriedades que serão vendidas, a tendência é que os pais venham viver na cidade após a aposentadoria.

Neste contexto observa-se que a cidade atrai bastante às mulheres por ser um meio que há mais perspectiva de liberdade, independência financeira e realização profissional ao exercer uma atividade econômica da qual gosta. Efetivamente, a cidade propicia um modo de vida em que o ser humano pode expressar melhor a sua individualidade, enquanto no campo as pessoas precisam pensar de forma mais coletiva para manter a coesão do grupo familiar, que é fundamental para a sobrevivência naquele meio.

Planos e expectativas das jovens mulheres que ainda vivem no campo em Canguçu/RS: apresentação do diagnóstico das tendências

Quais as intenções das jovens que ainda residem no meio rural? A migração para a cidade ainda é uma alternativa atrativa para elas? A fim de responder estas indagações foram aplicados 445 questionários em alunos de 20 escolas das redes estadual, municipal e particular no município de Canguçu. A maioria dos respondentes foi do sexo feminino (55,3%), com média de idade de 16,14 anos (dp = 1,84), variando de 14 a 24 anos. A maioria foi do 9º ano do Ensino Fundamental 48,1% (n= 214); 46,3% eram do 3º ano do Ensino Médio (n=206); 2,9% estavam cursando o 3º ano do Curso Normal (n=13) e 2,7% estavam cursando o 3º ano do Técnico em Agricultura Integrado (n=12).

Comparação dos resultados por sexo²

Confirmando o que a maior parte das pesquisas e teorias já realizadas sobre o tema afirma, os jovens do sexo feminino são as que mais têm a intenção de migrar para a cidade, ou seja, a tendência feminina de migração se manteve mais acentuada que a de rapazes, pois 70,7% (n=174) do total de moças e 59,1% (n=117) do total de rapazes, pretendem migrar para as cidade (Gráf. 6).

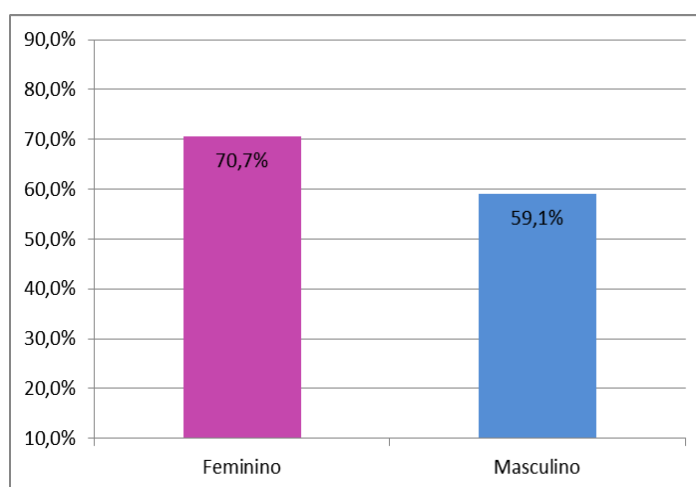


Gráfico 6 – Percentual de jovens rurais, por sexo, que pretendem migrar para as cidades³

Fonte: Pesquisa de campo – junho a agosto/2015

Quando questionados sobre onde pretendem estar vivendo daqui a 10 anos, houve uma maior diferença nas respostas entre rapazes e moças quanto à intenção de permanecer na propriedade da família, pois 30,8% dos rapazes têm esta intenção, enquanto apenas 18,7% das moças querem o mesmo (Tab. 2). Já nas moças se destacou o desejo de morar na cidade de Canguçu (28%), sendo que 19,2% dos meninos desejam esta opção. A diferença é significativa ($p=0,028^4$).

² **Sexo e gênero:** Sexo não é gênero. Ser uma fêmea não significa ser uma mulher. Ser um macho não significa ser um homem. Sexo diz respeito às características fisiológicas relativas à procriação, à reprodução biológica. (...) Enquanto as diferenças sexuais são físicas, as diferenças de gênero são socialmente construídas. (...) Gênero está relacionado às diferenças sexuais, mas não necessariamente às diferenças fisiológicas como as vemos em nossa sociedade. O gênero depende de como a sociedade vê a relação que transforma um macho em um homem e uma fêmea em uma mulher. Cada cultura tem imagens prevaletentes do que homens e mulheres devem ser. O que significa ser homem? O que significa ser mulher? Como as mulheres e os homens supostamente se relacionam uns com os outros? A construção cultural do gênero é evidente quando se verifica que ser homem ou ser mulher nem sempre supõe o mesmo em diferentes sociedades ou em diferentes épocas. (STREY et al, 2013, p. 157-158)

³ OBS: Neste gráfico estão inclusos todos os jovens rurais questionados, inclusive os que são de municípios vizinhos, mas estudam em Canguçu (quatro de Piratini, cinco de Pelotas, nove de São Lourenço do Sul)

⁴ A diferença é significativa entre os dados das colunas quando $p \leq 0,05$.

Tabela 2 – Onde os jovens rurais pretendem estar vivendo daqui a 10 anos

| | Masculino (%) | Feminino (%) |
|---|---------------|--------------|
| Na mesma propriedade me que vivo hoje | 30,8 | 18,7 |
| Em outra propriedade rural que não é a da minha família | 10,1 | 10,6 |
| Na cidade de Canguçu | 19,2 | 28 |
| Em outra cidade pequena que não seja Canguçu | 4,5 | 7,7 |
| Em uma cidade maior | 31,3 | 32,1 |
| Outras | 4 | 2,8 |
| Total | 100 | 100 |

Fonte: Pesquisa de campo – junho a agosto/2015

Quando questionados sobre a possibilidade de se tornarem o sucessor da propriedade de sua família, os rapazes foram os que mais acreditam nesta possibilidade (36,9%), enquanto apenas 17,9% das moças pensam da mesma forma (Tab. 3). Porém, a maior parte dos jovens ainda não pensou sobre isso, sendo as meninas as que mais se enquadram neste perfil (65,9%), seguidas dos rapazes (52,5%). A diferença é significativa ($p < 0,001$).

Tabela 3 – Possibilidade dos jovens rurais canguçuenses se tornarem os sucessores da propriedade da família

| | Masculino (%) | Feminino (%) |
|--|---------------|--------------|
| Sim. Meus pais gostariam muito que isso acontecesse | 36,9 | 17,9 |
| Não. Já tem um irmão definido para ser o sucessor | 3,5 | 7,3 |
| Não. Já tem uma irmã definida para ser a sucessora | 1,5 | 1,2 |
| Eles gostariam que eu continuasse vivendo no campo, mas em outra propriedade que não a deles | 2,0 | 3,7 |
| Ainda não pensei sobre isso | 52,5 | 65,9 |
| Outras | 3,5 | 4,1 |
| Total | 100 | 100 |

Fonte: Pesquisa de campo – junho a agosto/2015

Porém, chama a atenção a diferença significativa que os dados dos questionários expressam ($p < 0,001$) quanto ao desejo (ou não) dos jovens de desenvolverem as mesmas atividades econômicas da família na sua vida adulta. São os rapazes que mais gostariam de desenvolver as mesmas atividades econômicas porque gostam (8,6%) e os que mais acreditam que é válido fazer inovações nas atividades econômicas já desenvolvidas pela família (30,8%). Todavia, são as moças as que menos gostariam de desenvolver as mesmas atividades econômicas dos seus pais (67,5%).

Quando questionados sobre a preferência que teriam para escolher seu(sua) parceiro(a), caso resolvessem casar, os resultados também apresentaram uma diferença significativa ($p = 0,002$) (Tab. 4). As moças são as que mais se posicionam em relação à preferência na escolha do provável parceiro(a) e em todas as opções a resposta delas predominou, em relação aos rapazes, a tendência de apontar o casamento como um apoio para

deixar o meio rural. Também chamou a atenção o fato de que de 198 questionários respondidos por rapazes, nenhum deles considera a possibilidade de casar com uma alguém da cidade e convencê-la (lo) a ir morar no campo. Será por que acreditam que as moças não aceitariam? Será algum preconceito com as moças da cidade?

Tabela 4 – Preferência dos jovens rurais canguçuenses na escolha do provável parceiro (a) para casar

| | Masculino (%) | Feminino (%) |
|--|---------------|--------------|
| Preferiria alguém do campo, mas tentaria convencê-lo a ir morar na cidade | 8,6 | 13,4 |
| Preferiria alguém do campo, pois assim seria mais fácil de permanecer vivendo nesse meio | 20,2 | 14,2 |
| Preferiria alguém da cidade, mas tentaria convencê-lo a vir morar no campo | 0,0 | 2,4 |
| Preferiria alguém da cidade, pois seria uma oportunidade de também viver na cidade | 10,6 | 19,1 |
| Não teria preferência | 59,6 | 48,4 |
| Outras | 1,0 | 2,4 |
| Total | 100 | 100 |

Fonte: Pesquisa de campo – junho a agosto/2015

A questão que indagava o objetivo pelo qual os jovens estudavam também trouxe diferenças significativas ($p < 0,001$) (Tab. 5). De forma geral foi possível detectar que o jovem rural estuda com um propósito, sendo as maiores diferenças percebidas, entre eles, o objetivo de conseguir um trabalho futuramente na cidade, que teve um índice alto entre as moças (72,4%). E entre os rapazes destacou-se a finalidade de desenvolver um trabalho mais aperfeiçoado futuramente no campo (21,2%). No entanto, mesmo o percentual sendo bem abaixo das moças, também é relevante a quantidade de rapazes que tem o objetivo de estudar para conseguir um trabalho futuramente na cidade (50,5%).

Tabela 5 – Objetivo pelo qual os jovens rurais canguçuenses estão estudando

| | Masculino (%) | Feminino (%) |
|---|---------------|--------------|
| Somente porque é obrigatório por lei | 8,6 | 1,6 |
| Para corresponder às expectativas da minha família | 4,5 | 2,4 |
| Para conseguir um trabalho futuramente na cidade | 50,5 | 72,4 |
| Para desenvolver um trabalho mais aperfeiçoado futuramente no campo | 21,2 | 11,8 |
| Apenas para desenvolvimento pessoal | 11,6 | 9,3 |
| Outras | 3 | 2,4 |
| Total | 100 | 100 |

Fonte: Pesquisa de campo – junho a agosto/2015

Ao isolarmos os dados por distrito e avaliarmos a intenção de migração da totalidade de jovens de cada distrito, foi o 1º distrito que teve o maior percentual de jovens do sexo feminino (Tab. 6) que pretendem ir para as cidades (79,4%). Entre os jovens do sexo masculino, foi o 4º distrito que mais apresentou tendência de migração (75,9%). Em ambos os sexos, foi no 5º distrito que os jovens demonstraram menos intenção de ir para as cidades.

Tabela 6 – Tamanho da propriedade (ha) da família dos jovens rurais canguçuenses que pretendem migrar

| | | Pretende morar na zona rural daqui a 10 anos (%) | Pretende morar na zona urbana daqui a 10 anos (%) |
|--|-----------|--|---|
| Até 10 hectares | Masculino | 33,3 | 26,5 |
| | Feminino | 20,8 | 31,6 |
| De 11 a 30 hectares | Masculino | 44,4 | 41,9 |
| | Feminino | 41,7 | 29,3 |
| De 31 a 50 hectares | Masculino | 9,9 | 12,0 |
| | Feminino | 15,3 | 10,3 |
| De 51 a 100 hectares | Masculino | 3,7 | 1,7 |
| | Feminino | 5,6 | 4,0 |
| Mais de 101 hectares | Masculino | 4,9 | 1,7 |
| | Feminino | 2,8 | 0,6 |
| Não possui nenhum hectare | Masculino | 1,2 | 6,8 |
| | Feminino | 0,0 | 2,9 |
| Desconheço totalmente a quantidade de hectares | Masculino | 2,5 | 9,4 |
| | Feminino | 13,9 | 21,3 |
| Total | | 200 | 200 |

Fonte: Pesquisa de campo – junho a agosto/2015

Na Fig. 1 podemos verificar o percentual da intenção de migração dos jovens do sexo feminino para as cidades. Em todos os distritos, mais da metade das meninas pretendem partir em busca do que consideram um futuro melhor.

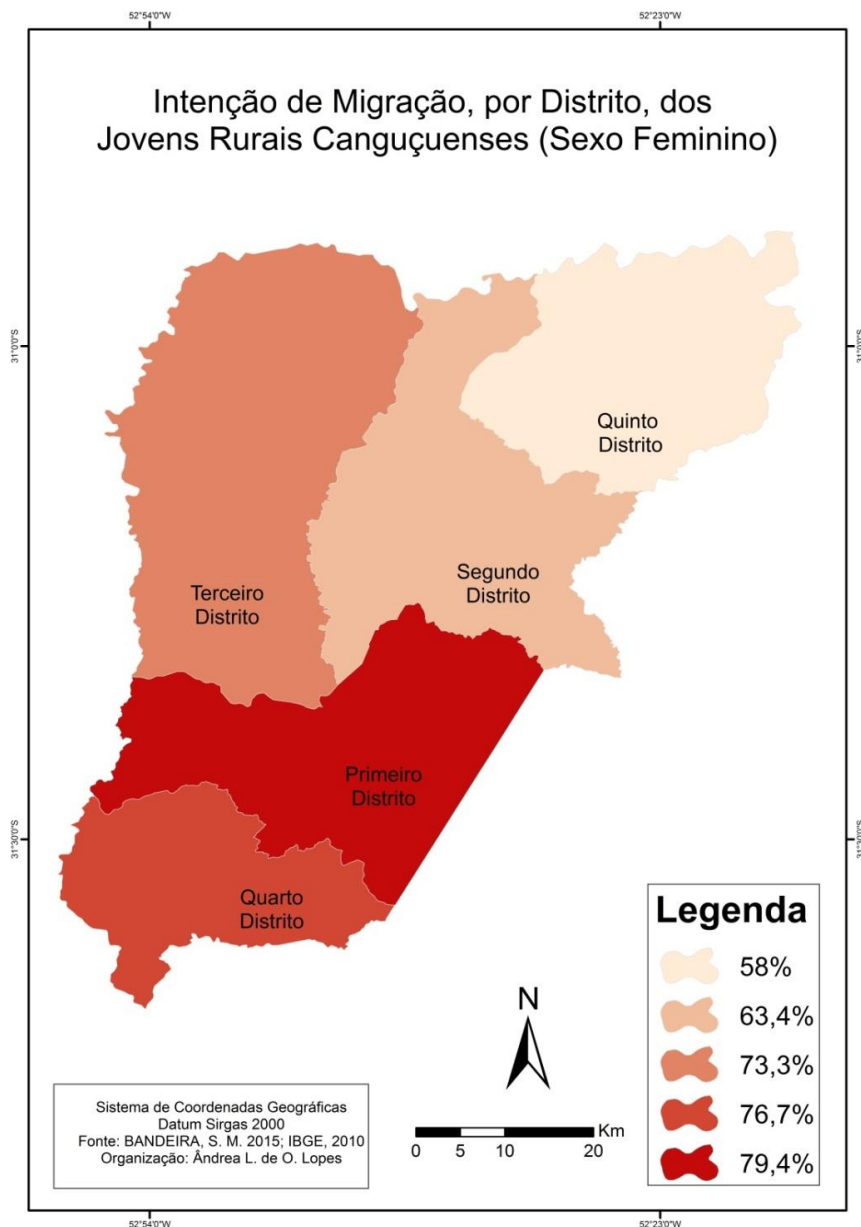


Figura 1 - Intenção de migração, por distrito, dos jovens rurais canguçuenses (sexo feminino)
Fonte: Pesquisa de campo – junho a agosto/2015. Organizado por Ândrea Lopes.

Se estas intenções se concretizarem, o processo de masculinização e envelhecimento da população rural no município de Canguçu continuará aumentando.

Considerações finais

Ao longo do artigo procurou-se compreender as causas e as consequências da migração feminina do meio rural de Canguçu/RS. São os jovens do sexo feminino que mais tem a intenção de migrar para as cidades, pois são mais sensíveis ao trabalho intenso da agricultura e a desvalorização que sofre o trabalhador rural. Ademais, querem ter visibilidade pelo seu trabalho e maior independência, desejos mais facilmente realizados na cidade.

Possivelmente o fato de que a maioria das mulheres que já migraram se considerarem satisfeitas com a decisão que tomaram, pode estar estimulando às parentas e amigas mais jovens a acreditar que deixar o campo é melhor para o seu futuro. O comentário de algumas das entrevistadas, que disseram se sentirem bem anteriormente no meio rural, mas depois que saíram de lá, já não se imaginam mais naquele modo de

vida, pode ser um alerta para desenvolver políticas que façam os jovens não perderem o vínculo com o campo, pois depois disso acontecer, dificilmente aceitarão retornar.

O 3º e o 4º distrito já vêm sofrendo um processo de migração de jovens há mais tempo. A maioria das entrevistadas eram filhas de pecuaristas, atividade econômica em declínio em Canguçu. Descendentes de antigos estancieiros do município, cujas famílias tiveram as propriedades divididas pelo processo de herança, já não veem perspectiva de continuar no campo exercendo a mesma atividade econômica de seus pais. Nestes distritos, a masculinização do campo está mais intensa e agora os rapazes estão mais motivados a migrar.

Apesar de 63% dos canguçuenses ainda viverem no meio rural de Canguçu, as entrevistas e os questionários demonstraram que as propriedades estão começando a apresentar uma crise de sucessão. São poucos os jovens que sonham em permanecer no campo e nesse sentido a fumilcultura, atividade econômica predominante nas pequenas propriedades do 1º e 2º distrito, parece ter servido até o momento como contenção do fluxo migratório dos jovens que tinham tradição na agricultura. Porém, pela primeira vez estamos diante de uma geração que tem acesso aos estudos e contempla através da TV e da internet outro modo de vida aparentemente mais “fácil”. Estes jovens ainda consideram o campo o lugar onde gostariam de construir a sua vida? A pesquisa apontou que não, visto que no 1º distrito 79,4% das jovens do sexo feminino pretendem migrar para as cidades e nos demais distritos o percentual também foi alto.

No entanto, somente a mudança para as cidades, embora pareça, não é garantia de que terão uma vida melhor. A maioria das mulheres se depara com um mercado de trabalho competitivo e baixos salários. Além disso, sentem dificuldade para conciliar família e emprego, o que as faz ter dupla jornada de trabalho e em muitos casos abrir mão de seus projetos pessoais ou não atingir os seus objetivos profissionais. Embora as cidades ofereçam mais oportunidades para as mulheres, a divisão do trabalho por sexo também existe neste meio, uma vez que as mulheres continuam ganhando menos que os homens e são as que ocupam a maior parte das vagas no setor terciário, que oferecem baixos salários. Da mesma forma, a incerteza do retorno em cada safra da agricultura também encontra um paralelo na cidade, pois os empregos estão cada vez mais incertos e flexíveis. Assim, muitas vezes o desejo de ter o “melhor dos dois mundos” não se realiza e acabam ficando com o pior dos dois mundos.

Por serem as mulheres que mais abandonam o campo e, por consequência, contribuam para que os homens também não vejam perspectiva de permanecer no meio rural, uma política que contemple os sonhos e ambições do sexo feminino parece ser fundamental para o município. Se não forem criados mecanismos que as incentivem a permanecerem no meio rural e as faça acreditar que é possível melhorar o seu modo de vida sem sair do campo, provavelmente a migração será um fator que contribuirá para a diminuição na reprodução da agricultura familiar no município em um futuro próximo.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Ricardo. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Rio de Janeiro. 2000. Disponível em <www.ipea.gov.br>. Acesso em 15 set. 2012.

ABRAMOVAY, Ricardo et al. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Unesco, 1999, 101p.

BRUMER, A.; [ANJOS, G.](#) Gênero e reprodução social na agricultura familiar. **Revista NERA (UNESP)**, v. 11, p. 1-12, 2008.

BRUMER, A. Gênero e agricultura; a situação da mulher na agricultura no Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n.1, p. 205-227, 2004.

CARNEIRO, Maria José. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Revista Estudos Feministas**. Ano 9, 2001. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X200100010003/8892>> Acesso em 08 mai. 2016.

CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná. **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. 311p.

MENDRAS, Henri. **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1978. 266p.

STREY, Marlene Neves et al. **Psicologia Social Contemporânea: livro texto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 262p.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O Mundo Rural como um Espaço de Vida**. Reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 330p.